

João de Mancelos

Um capítulo do livro

Quem quer um super-herói?

Novas tendências nos filmes de ação e aventura

1. “Holding out for a hero”

Em 1985, uma canção *pop* inundava as ondas de rádio e trepava pelas tabelas de vendas de todo o mundo. A voz rouca de Bonnie Tyler entoava um refrão que ficava no ouvido:

Where have all the good men gone
And where are all the gods?
Where's the street-wise Hercules
To fight the rising odds?
Isn't there a white knight upon a fiery steed?
Late at night I toss and I turn and I dream of what I need.

I need a hero
I'm holding out for a hero 'til the end of the night
He's gotta be strong
And he's gotta be fast
And he's gotta be fresh from the fight.
(Tyler 9)

Este êxito musical constitui uma entre numerosas provas da presença dos super-heróis na cultura popular do ocidente, desde a década de trinta do século vinte até à atualidade (Gent/Heatley 4). Para além disso, a canção evidencia que o conceito de super-herói não se restringe aos *pulp magazines* ou à banda desenhada, mas é reificado noutras formas de expressão artística, como a música *pop*, os jogos de computador ou o cinema.

Nos últimos anos, vários super-heróis escaparam da prancha dos desenhadores e conquistaram o grande *écran*. Películas como *Iron Man 2* (2010), *Thor* (2010), *Green Lantern* (2011), *Sucker Punch* (2011) ou *The Dark Knight Rises* (2012) têm fascinado tanto os fãs da banda desenhada como do cinema. Devido à sua popularidade, uma nova vaga de heróis musculados e destemidos está para chegar, com *X-Men: Days of the Future Past* (2014), ou *The Fantastic*

¹ Mancelos, João de. *Mulheres fatais, detetives solitários e criminosos loucos: Estudos sobre cinema*. Lisboa: Colibri, 2015.

Four (2015).

O principal objetivo deste artigo é responder à questão: por que são os super-heróis da banda desenhada cada vez mais populares no cinema? Proponho-me analisar as possíveis razões por detrás da renovação e aceitação do género, para explicar este fenómeno. Argumento que a resposta é diversificada e complexa, com raízes na psicanálise, mito, história, sociologia e tecnologia. Para completar a minha missão — por assim dizer —, recorro aos estudos de Carl Gustav Jung, Claude Lévi-Strauss, Joseph Campbell e outros especialistas reputados.

2. Psicanálise: o arquétipo do herói

Poucas obras terão influenciado o pensamento científico ocidental, no século XX, como os ensaios de Carl Gustav Jung, em particular “Archetypes of the Collective Unconscious” (1954). Os estudos deste psiquiatra suíço, em numerosos aspetos revolucionários, abriram caminho para uma reinterpretação da mitologia, simbologia, história, literatura e arte. Como é sabido, segundo Jung, todos os seres humanos possuem um inconsciente coletivo, uma base universal, independentemente da sua etnia, origem geográfica ou época (Jung 3).

Nessa matriz residem os arquétipos (termo derivado do grego “archein” ou “velho”, e “typos” ou “modelo”, “padrão”), também conhecidos como “imagens primordiais”, tais como a Grande Mãe, o Espírito, o Herói, o Criador, o Sábio, o Mago. Ao nível da consciência, estas figuras povoam mitos, lendas e folclore, transmitidos ao longo de várias gerações (Jung 5). As semelhanças que se encontram entre certas narrativas pertencentes a culturas afastadas no espaço e no tempo podem ser explicadas por esta base comum.

Neste estudo, estou particularmente interessado no arquétipo do herói, um ser com qualidades extraordinárias e poderes sobre-humanos. O que torna este arquétipo tão especial e cativante? Como defende Jung: “the hero symbolizes a man's unconscious self, and this manifests itself empirically as the sum total of all archetypes and therefore includes the archetype of the father and of the wise old man. To that extent the hero is his own father and his own begetter” (Jung, 1966: 333). Em suma, o herói pode ser entendido como um super-arquétipo, poderoso, uma espécie de divindade.

Nas lendas e noutras narrativas, o herói emerge com uma miríade de nomes e faces: guerreiro, cruzado, matador de dragões ou salvador, por exemplo. Não é difícil detetar a presença deste poderoso arquétipo no perfil de Thor, Gilgamesh, Ulisses ou Rei Artur. Neste contexto, Jerry Siegel, criador do Super-Homem, reconhece a herança arquetípica. Numa entrevista, revela a génese do herói mais celebrado: “I am lying on my bed counting sheep when all of a sudden it hits me. I conceived a character like Samson, Hercules and all the strong man I

have ever heard tell of rolled into one. Only more so” (Gingeroth 13). Assim, inspirado por figuras bíblicas e míticas, nasceu o primeiro super-herói da era moderna — e, com ele, o modelo para os muitos que se seguiriam.

3. Mito: será o Superman é Hércules em *collants*?

As crenças não desaparecem com o passar dos séculos: existe uma continuidade, uma transformação, um processo de reciclagem que conduz ao renascimento do herói (Lévi-Strauss 7). Por exemplo, o perfil de Hércules inspirou a criação de indivíduos com capacidades extraordinárias, como o Super-Homem, o monstro verde Hulk ou Iron Man, que combate criminosos violentos, protegido por uma armadura cibernética. Similarmente, a imagem da heroína caçadora encontra-se na deusa romana Diana, nas Amazonas, na Wonder Woman, ou, mais recentemente, em Buffy, a Caçadora de Vampiros.

Noutros casos, a banda desenhada importou figuras diretamente dos mitos, sendo o mais notório Thor, inspirado no deus germânico e nórdico dos trovões, que usa um martelo mágico (Gent/Heatley 56-57). Stan Lee, que criou Thor em 1962, para a Marvel, explica a sua origem: “How do you make someone stronger than the strongest person? It finally came to me: don't make him human — make him a god” (Lee/Mair 157).

Independentemente da fonte de inspiração, os super-heróis constituem um panteão moderno, semelhante à galeria de divindades ameríndias, gregas ou nórdicas. Também possuem dinastias e parentes problemáticos; experienciam paixões e amores atraídos; fraquezas e dilemas; e até o martírio e a morte (Reynolds 43).

As crenças foram transmitidas às gerações seguintes através de lendas; atualmente, as narrativas de super-heróis estão profundamente enraizadas na cultura popular, graças às revistas, televisão ou videojogos. Danny Gingeroth, autor de *Superman on the Couch*, questiona: “Why do we need that element of fantasy in our heroes, even in many of the so-called realistic ones? What need do these fantasies fulfill? What societal function is served by our sitting around our virtual print, cinematic or electronic campfires, to tell and hear stories (...)?” (Gingeroth 29).

A resposta está longe de ser simples. Na minha perspetiva, os super-heróis refletem a nossa esperança coletiva num mundo melhor; para além disso, concedem uma segurança, mesmo que ilusória, na era do terrorismo; finalmente, revelam uma aspiração profunda: atingir, um dia, todo o potencial físico e mental da espécie humana.

4. História: *Post Nine-Eleven Stress*

Os devastadores ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 foram historicamente traumáticos. Pela primeira vez, a seguir ao bombardeamento japonês de Pearl Harbor, em dezembro de 1941, a nação foi assaltada no seu próprio território. Como exceção do pessoal militar que servia no Pentágono, as três mil vítimas eram civis trabalhadores. No dia seguinte, o editorial do *New York Times* comentou: “It was, in fact, one of those moments in which History splits, and we define the world as ‘before’ and ‘after’. (...) Every routine, every habit this city knew was fractured yesterday” (Johnson A26).

Neste contexto de trauma, a psicóloga política Virginia Chanley argumenta que o 11 de setembro perturbou profundamente a psique coletiva dos cidadãos norte-americanos, resultando numa multiplicidade de reações. Por exemplo, na ressaca da tragédia, as estatísticas provam que a confiança no governo duplicou, gerando orgulho e unidade nacional, lubrificada pela retórica política de Republicanos e Democratas (Chanley 469). Por outro lado, os ataques provocaram sentimentos de impotência, vulnerabilidade ou mesmo culpa. Sem surpresa, aumentou dramaticamente o número de casos de violência contra muçulmanos e asiáticos. A vingança tornou-se num objetivo nacional e concretizou-se em março de 2003, com a invasão do Iraque.

Na ressaca dos ataques terroristas, os norte-americanos voltaram-se para os políticos, outros para Deus, outros ainda para aquelas figuras que, na cultura popular, representam os vingadores por excelência: os super-heróis. De facto, na primeira década do novo século, ocorreu um *boom* nas bandas desenhadas, jogos e filmes protagonizados por super-heróis. Quando questionado acerca deste fenómeno, o produtor Don Hahn, declarou: “we are seeing so many super-hero movies, so many *Captain America* or *Iron Man*, because those characters can defeat bad guys and that’s really a great story for us” (Raynaldy 1).

Por certo, leitores e espetadores simpatizam com os protagonistas, através de um processo que envolve a admiração pelas suas qualidades (por exemplo, o altruísmo, a coragem, a força do Super-homem), mas também o fascínio pelo poder (mesmo quando este é ambíguo, no caso de Batman) (Frensham 87). Ao mesmo tempo, os super-vilões são facilmente identificáveis com terroristas, que assassinam civis, numa sociedade onde a proteção é ilusória e até os aviões de passageiros podem ser transformados em mísseis mortais.

5. Sociologia: do escapismo à vingança

Perante um acontecimento trágico, seja um trauma individual ou psicossocial, como o 11 de setembro, as pessoas atravessam diversas fases — o choque, a negação, a descrença, o desespero — antes de atingirem a aceitação (Levers/Buck 323). O primeiro sentimento é

perceptível no comentário de uma bloguista: “As I was watching the buildings burning, knowing they were going to come down, I actually found myself thinking, with a genuine sense of anger and frustration: ‘where the fuck is Superman?’” (Anders). A questão colocada, embora absurda, é sintomática: indivíduos impotentes procuram ajuda no reino do religioso ou em seres sobrenaturais, como os heróis.

Não constituiu surpresa que, após o 11 de setembro, aumentasse o número de filmes protagonizados por super-heróis. A filósofa Rebecca Housel afirma: “Naturally, comic-book superheroes perfectly fit the need, and comic-book based films have set new box-office records” (Housel 75). Tal não constitui uma novidade: a época de ouro da banda desenhada coincidiu com a Segunda Guerra Mundial e os tempos que imediatamente se seguiram, altura em que super-heróis como o Capitão América combatiam Hitler, os Nazis e os chamados *Japanazis*. Jovens, soldados, trabalhadores e intelectuais consumiam avidamente esta banda desenhada, em busca de alívio e conforto, justiça e vingança. Alguns anos após a guerra, a popularidade dos super-heróis declinou, a favor de géneros como o *western*, o policial, terror ou o romance (Gent/Heatley 7).

Na minha perspetiva, os filmes de aventuras cumprem uma função dual: por um lado, oferecem ao público uma distração do receio quotidiano de um hipotético ataque. Por outro lado, num mundo onde o poder humano é diminuto, os super-heróis representam a proteção dos fracos e vulneráveis contra os opressores. Este era precisamente o papel desempenhado por numerosos deuses das velhas mitologias, e também pelos homens sagrados e santos nas religiões.

6. Tecnologia: da prancha do desenhador para o grande écran

Na primeira década deste milénio, heróis como Thor ou Iron Man conheceram uma nova vida no grande écran, graças à criatividade de guionistas e realizadores. Em minha opinião, existem fundamentalmente três razões para esta tendência crescente. Em primeiro lugar, a adaptação cinematográfica de enredos e personagens populares constitui, se não uma garantia de sucesso, pelo menos um risco menor, devido à existência uma grande base de fãs. Estimulados pela curiosidade, *marketing* ou rumores na internet, legiões de admiradores ambicionam conhecer as novas aventuras dos seus heróis favoritos. Isto constitui uma forte motivação para numerosos produtores, realizadores e atores.

Em segundo lugar, a transposição de heróis de banda desenhada para cinema é cómoda, porque já está delineado o perfil do protagonista, a sua missão e a teia de amigos e rivais. Para além disso, os enredos dos livros e filmes de aventuras partilham as etapas da chamada jornada

do herói. Segundo Joseph Campbell, no estudo de mitologia comparada, *The Hero with a Thousand Faces* (1949), existem determinadas fases comuns a numerosas lendas afastadas no espaço e no tempo. Campbell resume as etapas nestes termos: “A hero ventures forth from the world of common day into a region of supernatural wonder: fabulous forces are there encountered and a decisive victory is won: the hero comes back from this mysterious adventure with the power to bestow boons on his fellow man” (Campbell 23). Estas etapas são reconhecíveis nos filmes *Star Wars: Episode IV: A New Hope* (1977), de George Lucas, ou *Superman* (1978), de Richard Donner.

Uma terceira razão: no cinema atual, os heróis parecem mais credíveis do que nunca, devido às imagens geradas por computador e à tecnologia 3D; também, realizadores como Frank Miller e Robert Rodriguez recorrem a técnicas de *cartooning* em *Sin City* (2005), e Zack Snyder em *300* (2006) (Ndalianis 4). Ao mesmo tempo, os criadores recorrem aos códigos hermenêuticos barthesianos (pistas, equívocos, omissões) para repartir o enredo por vários média. Por exemplo, os *Watchmen* estrelam nas BDs (1986-1987), de Alan Moore e David Gibbons; no filme *Watchmen* (2009), de Zack Snyder; no videogame *The End is Nigh* (2009), de Soren Lund, e em webisodes. Em resultado, o espetador fica com a sensação de que os heróis são reais, vivem para lá das aventuras, e transcendem qualquer meio de expressão artística.

7. Novas tendências: “the anti-movie of superheroes”

Recentemente, os guionistas começaram a questionar enredos, moral e sexualidade. O número de março de 2013 da revista *Empire* foi dedicado aos principais filmes de aventuras que vão estrear este ano. Ao ler as diversas críticas, reparei numa nova tendência: a humanização dos super-heróis. Nas próximas películas, o Super-Homem experiencia a confusão que é ser um alienígena no planeta Terra (Nathan 57-58); Wolverine vive atormentado pelas recordações, lidando até com sentimentos de autorrejeição (Smith 74); Hit-Girl enfrenta a melancolia da juventude e sofre as dores do amor (Hewitt 68).

Em suma, as aventuras são claramente mais centradas no passado conturbado, nas fragilidades e medos, nos defeitos e ambições das personagens. Tal aproxima os super-heróis dos espetadores e gera empatia, porque os ídolos também enfrentam complicações e dilemas no seu quotidiano. James Mangold, realizador de *Wolverine*, emprega uma expressão curiosa para definir esta vaga inovadora: “the anti-movie of superheroes” (Smith 75).

Os novos filmes também incluem mais super-heroínas, e nem sempre com propósitos eróticos. Ao longo de décadas, a galeria de super-heróis foi preponderantemente composta por homens musculados e corajosos, detentores de superpoderes. Mulheres como Rulah, the Jungle

Goddess ou Batwoman surgem sobretudo como versões de Tarzan ou Batman, e as suas aparições na banda desenhada ou no cinema são esporádicas. A primeira heroína a merecer destaque foi a Wonder Woman, em 1941, criada pelo psiquiatra William Marston, para a DC/All American (Gent/Heatley 58). Há fortes indícios de que esta tendência tem vindo a ser alterada, graças a heroínas adolescentes, que servem como modelos. Destaco os casos de Buffy, the Vampire Slayer, Katniss Everdeen, de *Hunger Games*; Babydoll, em *Sucker Punch*, definida pelo realizador como “Alice no País das Maravilhas com metralhadoras”.

Em suma, as aventuras de super-heróis estão a evoluir, ocupando novos espaços no espetro mediático e conquistando audiências diferentes. Mantêm-se em contacto com os nossos medos e expectativas, mas permanecendo sempre fiéis ao arquétipo essencial: um herói capaz de ser humano e deus, ao mesmo tempo. Missão cumprida.

Bibliografia

- Anders, Charlie Jane. “Where would superheroes be without 9/11?” *We Come from the Future*. 7 sept. 2011. <http://io9.com/5837450/where-would-superheroes-be-without-911>
- Campbell, Joseph. *The Hero with a Thousand Faces*. Novato: New World Library, 2008.
- Chanley, Virginia A. “Trust in the Government in the Aftermath of 9/11: Determinants and Consequences”. *9/11 and Its Aftermath: Perspectives from Political Psychology*. *Political Psychology* 23.3 (2002): 469-83.
- Frensham, Ray. *Screenwriting*. London: Howtobooks, 2009.
- Gent, Mike, and Michael Heatley. *Little Book of Superheroes*. Southfleet: G2 Entertainment, 2010.
- Gingeroth, Danny. *Superman on the Couch: What Superheroes Really Tell Us about Ourselves and Our Society*. New York: Continuum, 2006.
- Hewitt, Chris. “Segundo Hit”. *Empire* 23 (mar. 2013): 66-68.
- Housel, Rebecca. “Myth, Morality and the Women of the X-Men”. *Superheroes and Philosophy: Truth, Justice and the Socratic Way*. Ed. Tom Morris, and Matt Morris. Chicago: Open Court, 2005. 75-88.
- Lee, Stan, and George Mair. *Excelsior! The Amazing Life of Stan Lee*. London: Boxtree, 2002.
- Jung, Carl Gustav. *The Archetypes and the Collective Unconscious*. Trad. R. F. C. Hull. Princeton: Princeton UP, 1990.
- . *Symbols of Transformation*, vol 5. Ed. Herbert Read, Michael Fordham, Gerhard Adler. London: Routledge & K. Paul, 1966.
- Johnson, Larry C. “The War Against America: An Unfathomable Attack”. *New York Times*. Sept.

12, 2001. Late Edition. A26.

Lévi-Strauss, Claude (1966). *Du Miel aux Cendres (Mythologiques II)*. Paris: Plon, 1966.

Levers, Lisa, and Roger Buck. "Contextual Issues of Community-Based Violence, Violence-Specific Crisis and Disaster, and Institutional Response". *Trauma Counselling: Theories and Interventions*. Ed. Lisa Levers. New York: Springer, 2012. 317-334.

Nathan, Ian. "Super-Homem renasce". *Empire* 23 (mar. 2013): 54-61.

Ndalianis, Angela. "Comic Book Superheroes: An Introduction". *The Contemporary Comic Book Superhero*. Ed. Angela Ndalianis. New York: Routledge, 2009. 3-15.

Raynaldy, Romain. "Hollywood shies away from 9/11-inspired movies". *The Express Tribune*. Sept. 4, 2011. <http://tribune.com.pk/story/244114/hollywood-shies-away-from-911-inspired-films/>

Reynolds, Richard. *Super-Heroes: A Modern Mythology*. Jackson: UP of Mississippi, 1992.

Smith, Adam. "De volta ao limiar". *Empire* 23 (mar. 2013): 72-77.

Tyler, Bonnie. "Holding out for a hero". *Secret Dreams and Forbidden Fire*. CD. Sony, 1985.

Sinopse

Mulheres fatais, detetives solitários e criminosos loucos: Estudos sobre cinema constitui o livro ideal para quem desejar conhecer melhor a filmografia de Martin Scorsese, Clint Eastwood, Terrence Malick, Jonathan Demme, Stanley Kubrick ou Alejandro Iñárritu. A obra divide-se em quatro secções, abordando, entre outros temas, o género policial, a reinvenção de heróis e mitos no cinema ou o multiculturalismo. Escrito num estilo vivo e cativante, este volume funciona como uma introdução ao mundo da sétima arte.